



VII CONGRESSO MUNDIAL ESTILOS DE APRENDIZAGEM



Livro de Atas

Editores: Luísa Miranda, Paulo Alves, Carlos Morais

4, 5 e 6 julho 2016

Instituto Politécnico de Bragança, BRAGANÇA - PORTUGAL

ESTILOS DE APRENDIZAGEM: EDUCAÇÃO, TECNOLOGIAS E INOVAÇÃO

VII Congresso Mundial de Estilos de Aprendizagem: livro de Atas

Bragança, Portugal

04 a 06 de julho de 2016

Instituto Politécnico de Bragança

EDITORES

Luísa Miranda

Paulo Alves

Carlos Morais

Titulo: VII Congresso Mundial de Estilos de Aprendizagem: livro de Atas

ISBN: 978-972-745-205-7

Handle: <http://hdl.handle.net/10198/12934>



Os artigos submetidos ao VII Congresso Mundial de Estilos de Aprendizagem foram sujeitos a um processo de revisão pela Comissão Científica antes de serem aceites para publicação.

Capacidade Empreendedora dos Estudantes: O Caso da Província do Kuanza Sul

Manuel João
Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul
Kuanza, Angola
manuelrauljoo41@gmail.com

Paula Odete Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança; UNIAG; NECE
Bragança, Portugal
pof@ipb.pt

Lídia Praça
Instituto Politécnico de Bragança
Bragança, Portugal
lpraca@ipb.pt

Resumo

Vários têm sido os estudos que dão ênfase aos aspetos do ensino e da aprendizagem no desenvolvimento do espírito empresarial no sentido de transmitir e adequar conhecimentos, competências, atitudes e qualidades pessoais adequadas à faixa etária e ao nível dos estudantes. Nesta linha desenvolveu-se o presente estudo cujo principal objetivo pretendeu analisar a capacidade empreendedora dos estudantes que frequentaram o sistema de ensino angolano, caso da província do Kuanza Sul. Para tal aplicou-se um inquérito por questionário a 655 estudantes tendo-se assumido um erro amostral de 3,51%, um nível de significância de 5%. Dos resultados obtidos observou-se a existência de diferenças estatísticas por variável de caracterização sociodemográfica (sexo, sistema de ensino) relativamente à capacidade empreendedora. Verificou-se uma relação entre capacidade empreendedora e as dimensões independência, criatividade, motivação, autodisciplina, autoconfiança, capacidade de risco e a experiência empresarial familiar.

Palavras-chave: Capacidade Empreendedora, Empreendedor, Estudante, Kuanza Sul, Angola.

1 Introdução

Ensinar e aprender a desenvolver o espírito empresarial implica transmitir e adequar conhecimentos, competências, atitudes e qualidades pessoais adequadas à faixa etária e ao nível dos alunos ou estudantes em causa. No ensino básico, a educação para o desenvolvimento do espírito empresarial deve procurar incentivar nos alunos qualidades pessoais, tais como a criatividade, o espírito de iniciativa e de independência, que contribuam para o desenvolvimento de uma atitude empreendedora, que provará ser útil na sua vida diária e em

todas as atividades profissionais. No ensino secundário, a educação para o desenvolvimento do espírito implica sensibilizar os estudantes para o facto de o estatuto de trabalhador independente constituir uma opção de carreira (a mensagem a passar seria a de que é possível não só trabalhar por conta de outrem, mas também tornar-se empresário por conta própria), aprender através da prática ('aprendendo fazendo') e formação específica sobre a criação de empresas (CE, 2004, p.17).

A importância da educação e da formação neste domínio tem sido sublinhada em diversas ocasiões, hoje, reconhece-se que o espírito empresarial é uma competência de base que deve ser adquirida através de uma aprendizagem ao longo da vida. A Europa tem de fomentar o ímpeto empresarial de forma mais eficaz, precisa de mais e novas empresas dispostas a embarcar em projetos empresariais criativos ou inovadores, encorajar o espírito empresarial, incentivando a atitude correta, chamando a atenção para as oportunidades de carreira profissional como empresário ou trabalhador por conta própria e providenciando a aquisição das competências empresariais relevantes (Liikanen, 2004, p.3-4).

É neste contexto que se pode falar de educação para o empreendedorismo e em consequência analisar a capacidade empreendedora dos estudantes.

Os grandes visionários do empreendedorismo asseveram que a educação empreendedora tem como alvo, o incremento de individualidades proactivas e dotadas de mentes criativas, inovadoras com grande capacidade de planear (Clever, 2011).

De acordo com Naia (2009), a educação para o empreendedorismo é um procedimento complicado, está a evoluir ano após ano, em resultado de estudos empíricos que referem práticas com êxitos e fracassos em muitos países. Gera resultados diferentes nos estudantes, alguns descobrem que é essa a via que pretendem seguir, outros apercebem-se que é mais complexo do que aquilo que pensavam e procuram mais informações e outros apercebem-se que de facto não é aquele o caminho que querem seguir, o que também é positivo, na medida em que, nem todos têm de ser empreendedores.

Também para Martinez e Joniliano (2012), o empreendedorismo é uma área de investigação crescente, com ausência de conceitos estáticos por isso socorre-se de conceitos de outras ciências úteis derivadas, que sustentam os planos curriculares universitários e não só.

Neste sentido o principal objetivo do presente trabalho assenta em analisar a capacidade empreendedora dos estudantes que frequentaram o sistema de ensino angolano, o caso da província do Kuanza Sul.

Para dar resposta ao principal objetivo do estudo, o presente artigo divide-se em quatro secções após a introdução. Na segunda secção faz-se uma abordagem Empreendedorismo no sistema de ensino Angolano. Segue-se uma terceira secção onde se apresenta a metodologia utilizada assim como a definição da amostra. Posteriormente, são apresentados e analisados os resultados do questionário, na quarta secção. Finaliza-se, o presente trabalho de investigação, com a apresentação das principais conclusões gerais do estudo, onde são feitas algumas sugestões de investigação para futuros trabalhos de investigação nesta área de estudo.

2 O Empreendedorismo no sistema de ensino Angolano

A sociedade dedica cada vez mais atenção aos estabelecimentos de ensino em geral e às universidades em particular, com o intuito de fomentar o empreendedorismo (Sarkar, 2010).

Para Lipper (1987; citado por Sarkar, 2010, p.86), as universidades devem trabalhar em conjunto com as escolas secundárias e outras instituições de ensino para promover o desenvolvimento do empreendedorismo nas etapas de formação. Argumenta que para além da introdução analítica e pensamento crítico ao nível das universidades, estas capacidades devem ser ensinadas imediatamente às crianças assim que entram no sistema escolar. Esta alteração deve promover o pensamento inovador e a solução de problemas com o próprio fazer, criando uma atmosfera de pensamento empreendedor, produzindo empreendedores.

De acordo com Nonato (2013), o empreendedorismo desfruta de uma atenção insubstituível no concernente ao crescimento económico por garantir a procriação de diferentes empresas e criar novos postos de trabalho. Para além de gerar valores com impacto social, o empreendedorismo é responsável por motivar a promoção de riquezas de um país, pode proporcionar o conforto social como solução para muitos problemas.

Boszczowski e Teixeira (2012) salientam que para se perceber o fenómeno empreendedor como promotor do desenvolvimento sustentável, é imperioso averiguar e identificar as ofertas de negócios sustentáveis e simplificar operações repetitivas e assim o empreendedorismo tem mais valor do que se pode pensar.

Neste contexto a disciplina de empreendedorismo foi implementada em Angola em 2010, pelo Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia, atual Ministério da Educação. Foi implementada em três fases, sendo a primeira fase de experimentação e monitoria 1, a segunda, a fase de experimentação e monitoria 2 e revisão dos materiais, a fase três é a fase de generalização, nas escolas do ensino secundário do I e II Ciclos Gerais, do Ensino Técnico Profissional e de Formação de Professores, nas províncias de Benguela, Cabinda, Cunene, Huila, Huambo, Luanda, Lunda Norte, Malange e Uíge (Inide, 2012).

Segundo Castelar (2014), o empreendedorismo em Angola já faz parte dos angolanos, tanto é que a realização de feiras de auto - emprego e empreendedorismo, adotado por instituições como, o Centro Local de Empreendedorismo e Serviços de Emprego - CLESE, Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional - INEFOP, com a participação de jovens empreendedores das províncias que têm a oportunidade de expor os seus projetos, desenvolvidos durante os cursos frequentados. Porém, ainda segundo Castelar, os CLESE, são organizações sem fins lucrativos, que operam sob a supervisão do Ministério da Administração Pública Trabalho e Segurança Social - MAPTSS, e foram criados com o objetivo de oferecer apoio a micro, pequenos e médios empreendedores em Angola.

No caso em estudo, a implementação da disciplina de empreendedorismo na província do Kuanza Sul (Angola) teve início apenas em 2014, com cinco escolas do I e II ciclo do ensino secundário, selecionadas em dois municípios, Sumbe e Porto Amboim.

De acordo com a mesma fonte a previsão é alargar o ensino do empreendedorismo, até 2017, aos restantes municípios e garantir assim a sua expansão e cobertura a nível de toda a província, em consonância com o Plano Nacional de Desenvolvimento - PND, elaborado pelo executivo angolano até 2017, que pretende formar mais de 3.000 empreendedores a nível nacional.

Saliente-se que em nenhuma instituição de ensino existe um Gabinete de empreendedorismo, sendo a temática empreendedorismo centralizada e supervisionada pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação – INIDE. De referir também, que não existem professores especialistas em empreendedorismo, são adaptados depois da formação que recebem do INIDE e cada escola tem um coordenador da disciplina.

3 Metodologia de Investigação

A presente investigação apresenta como principal objetivo analisar a capacidade empreendedora dos estudantes, dos cursos técnicos do sistema de ensino angolano da província

do Kuanza Sul. Para dar resposta a este objetivo, estabeleceram-se as seguintes hipóteses de investigação:

- Hipótese de Investigação 1: Existem diferenças estatísticas por variável de caracterização sociodemográficas (género, sistema de ensino) relativamente à Capacidade Empreendedora;
- Hipótese de Investigação 2: A Capacidade Empreendedora encontra-se relacionada positivamente com as dimensões Independência, Criatividade, Motivação, Autodisciplina, Autoconfiança, Capacidade de risco;
- Hipótese de Investigação 3: Existe uma associação entre a Capacidade Empreendedora e a experiência empresarial familiar.

Para recolher os dados foi utilizado um inquérito por questionário desenvolvido por Costa (2013). A aplicação do instrumento de recolha de dados foi realizada entre Novembro de 2013 a Abril de 2014. O mesmo encontra-se estruturado da seguinte forma: Parte I - Caracterização Sociodemográfica, com oito questões; Parte II - Perceções sobre o Futuro, com oito questões; Parte III - Capacidade Empreendedora, com 60 questões. De salientar ainda, que estas questões permitem classificar as 6 dimensões em análise (Independência, Criatividade, Motivação, Autodisciplina, Autoconfiança, Capacidade de risco). As questões deste grupo foram medidas na escala de *Likert* de 5 pontos onde: 1 - Nunca, 2 - Raramente, 3 - Algumas vezes, 4 - Frequentemente e 5 - Sempre. Relativamente ao grupo de questões que formam o terceiro grupo avaliou-se a consistência interna, através do coeficiente *Alpha de Cronbach*. Para o presente estudo de investigação obteve-se um α de *Cronbach* global de 0,855, para os 60 itens, o que revela uma Boa Consistência, segundo a referência de Cronbach (1951).

De salientar que o inquérito por questionário foi aplicado aos estudantes que frequentam os três subsistemas de ensino que compõe o sistema de ensino angolano, ensino superior técnico, ensino médio técnico e ensino técnico profissional, nas seguintes instituições:

- Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul, aos cursos técnicos ministrados em Agronomia, Enfermagem, Contabilidade e Gestão, Gestão Agrária e Zootecnia;
- Instituto Médio Agrário da Cela, aos cursos técnicos ministrados em Gestão Agrária, Produção Animal e Produção Vegetal;
- Instituto Médio Politécnico do Sumbe, aos cursos técnicos ministrados em Mecânica de Frio e Refrigeração, Energia e Instalações Elétricas;

- Instituto Médio de Saúde do Sumbe, aos cursos técnicos ministrados em Farmácia, Análises Clínicas, Enfermagem Geral;
- Instituto Nacional de Petróleo, aos cursos técnicos ministrados em Geologia, Minas, Perfuração e Produção, Manutenção, Refinação, Instrumentação, Gás, Petróleo;
- Centro Local de Empreendedorismo e Serviços Local de Emprego do Sumbe, ao curso de formação em Empreendedorismo;
- Centro de Formação Profissional do Cuacra, aos cursos técnicos ministrados em Agricultura Geral, Alvenaria, Canalização, Carpintaria, Eletricidade Geral de Baixa Tensão, Serralharia de Construção Civil, Mecânica Auto;
- Pavilhão de Artes e Ofício do Amboim, aos cursos técnicos ministrados em Alvenaria, Serralharia de Construção Civil, Culinária, Eletricidade, Informática, Mecânica Auto.

No tratamento dos dados estatísticos e na apresentação dos resultados utilizou-se simultaneamente uma análise descritiva exploratória e uma análise inferencial. De referir que ao longo de todo o estudo e para decidir sobre a rejeição das hipóteses nulas assumiu-se um nível de significância de 5%.

Para a análise descritiva exploratória vai optar-se por utilizar gráficos e tabelas de frequências, bem como as medidas de localização - a média, e dispersão - o desvio padrão. Por outro lado, na análise inferencial do presente estudo pretende-se averiguar a existência de diferenças estatísticas por variável de caracterização sociodemográfica dos estudantes relativamente à capacidade empreendedora, bem como analisar a relação entre as variáveis latentes.

Deste modo, no tratamento estatístico vai aplicar-se testes paramétricos, nomeadamente o *t-Student* no sentido de analisar se existem diferenças para duas amostras independentes e uma vez violados os pressupostos para a aplicação da *One-Way ANOVA* vai recorrer-se ao teste *Kruskal-Wallis*. No sentido de verificar a correlação entre os constructos Independência, Autodisciplina, Criatividade, Motivação, Capacidade de risco, Autoconfiança, verificou-se a violação do pressuposto da normalidade pelo que vai ser utilizado o coeficiente de correlação *Spearman*. Para testar associações entre variáveis qualitativas dicotómicas vai recorrer-se ao teste de independência de *Fisher*.

A população total em estudo ronda os 3937 indivíduos. Para o cálculo da amostra, assumiu-se um erro amostral de 3,51% e um intervalo de confiança de 95%. Pode ainda dizer-se que se conseguiu obter uma taxa de resposta que ronda os 17%, correspondendo a 655 questionários rececionados. Os questionários foram distribuídos aleatoriamente e proporcionalmente ao

número de estudantes que frequentam cada instituição de ensino tendo-se obtido para o município do Sumbe 83%, município da Cela 12% e município do Amboim-Gabela 5% dos questionários.

4 Capacidade Empreendedora do Estudante

4.1. Caracterização da Amostra e Percepções sobre o Futuro

Tendo por base a informação recolhida referente aos cursos ministrados nas instituições de ensino, a taxa de resposta é maior nos cursos de Mecânica de Frio e Refrigeração 12%, no curso de Energia e Instalações Elétricas 11%, curso de Empreendedorismo 10%, curso de Zootecnia 6,9%, Produção Animal 4,9%, Eletricidade de Baixa Tensão 4,6%, Mecânica Auto 4,1%, a mais baixa é no curso de Culinária com 0,3%. Pôde verificar-se que os anos académicos que os inquiridos frequentam variam do 1.º Ano (Cursos de formação profissional e ensino técnico geral) ao 3.º Ano (finalistas), uma vez que a amostra global é constituída por 655 estudantes que responderam aos inquéritos, o que corresponde a uma taxa de resposta de 66%, sendo que 40,5% são estudantes do 1.º Ano, 9,5% são estudantes do 2.º Ano e 50% são estudantes do 3.º Ano.

De acordo com as informações de natureza sociodemográfica, a faixa etária dos inquiridos, demonstra que as idades variam dos 14 aos 54 anos, e pode dizer-se que se está perante uma população jovem uma vez que a idade média ronda os 22,49 anos (com um desvio padrão de 4,795), maioritariamente constituída por estudantes do sexo masculino com 80,6% e 19,4% do sexo feminino. Esta diferença pode dever-se ao fato de maioritariamente dos cursos serem direcionados para áreas de formação de tecnologias.

A informação inerente as províncias de origem dos inquiridos. O nível de resposta é maior na província do Kuanza Sul com 71,1%, Luanda com 12,7%, Benguela com 3,7% e Huambo com 1,8%, sendo com menor resposta as províncias de Sofala, Namibe, Moxico, Malange com 0,2%.

Quanto às características económicas da amostra inquirida total (655), pôde verificar-se que a maioria dos estudantes não tem ou não teve qualquer atividade profissional remunerada 51,5%. Por outro lado, também com um peso expressivo encontra-se com 48,5% a percentagem dos inquiridos que referiu que já teve atividade profissional remunerada.

No presente estudo foi propósito conhecer a opinião dos inquiridos sobre o seu percurso aquando do término da sua graduação. Assim, pôde ver-se pelos resultados obtidos que respeitante ao empreendedorismo e percepção sobre o futuro, a intenção empreendedora a

curto prazo, os inquiridos depois de concluírem o seu curso pretendem trabalhar na função pública 50,5%, criar uma empresa 48,4%, trabalhar numa multinacional 22,9%, continuar com os estudos 10,2%, apenas 8,5% pretende trabalhar numa pequena e média empresa. Talvez uma justificação para o fato dos estudantes pretenderem trabalhar na função pública pode residir na situação em que o Estado ainda tem oferecido uma situação mais estável, quando comparado com as empresas privadas.

Quando os inquiridos são questionados sobre a possibilidade de algum dia vir a criar um negócio próprio, observou-se que a esmagadora maioria, 93,3% inquiridos, respondem positivamente e 6,7% respondeu que não vê a possibilidade de vir a ter o seu próprio negócio. Os mesmos foram auscultados no sentido de ao criarem o seu próprio negócio qual o mercado que beneficiariam, pelo que a maioria respondeu servir o mercado angolano 61,4%, seguindo-se o mercado local 43,1%, africano 11,5%, mundial 8,4%, austral 6,6% e moçambicano 0,2%. Conclui-se que a internacionalização dos negócios não está nos seus planos de acordo.

Os inquiridos, respondem que os dois principais riscos que mais temem ou receiam para criar um novo negócio é a possibilidade do negócio ir a falência 42,6% e incertezas quanto ao rendimento 39,4%, se bem que eles também temem a insegurança no trabalho 35,7 % e a possibilidade de haver falhas a nível do pessoal 32,7%. Os inquiridos responderam que os dois principais entraves são a burocracia de entidades governamentais 42,7% e dificuldades em obter financiamentos de privados (bancos, capital de riscos, etc.) 29,9%.

Sobre o local onde devem ser ensinados conhecimentos básicos sobre a gestão e criação de um negócio, os mesmos responderam positivamente que devem ser ensinado nas escolas secundárias 64,1%, nas escolas profissionais 57,3%, na formação profissional 51%, nos seminários e *workshops* 35,4%, nas licenciaturas 27%, pós graduação 15% e os de mais não têm expressão significativa.

Quanto à perceção dos estudantes sobre o sistema de ensino angolano em relação ao ensino de temáticas sobre o empreendedorismo, os inquiridos acreditam que enquanto estudantes o sistema educativo angolano, desenvolve uma predisposição para ajudar a criar uma empresa, pois obteve-se uma percentagem de 67,8%, contra 32,2% onde os inquiridos referem que não acreditam que o sistema educativo angolano não desenvolve uma predisposição para ajudar a criar uma empresa. A perceção dos estudantes sobre o sistema de ensino angolano em relação ao ensino de temáticas sobre o empreendedorismo, os inquiridos acreditam que enquanto estudantes o sistema educativo angolano, desenvolve uma predisposição para ajudar a criar

uma empresa, pois obteve-se uma percentagem de 67,8%, contra 32,2%, onde os inquiridos referem que não acreditam que o sistema educativo angolano não desenvolve uma predisposição para ajudar a criar uma empresa.

4.2. Intenção e Capacidade Empreendedora dos Estudantes

O presente ponto tem por finalidade apresentar e analisar os resultados dos inquéritos obtidos, sobre a intenção e capacidade empreendedora dos estudantes dos cursos técnicos nos três subsistemas de ensino.

Neste sentido pode observar-se, pelos resultados produzidos na Figura 1, que 3 dimensões tais como, a Independência, Autoconfiança e Autodisciplina, registaram uma média superior à média global - Capacidade Empreendedora. Por outro lado, as dimensões Motivação, Criatividade e Capacidade de Risco registaram médias inferiores à média global - Capacidade Empreendedora. Todavia, pode dizer-se que todas as dimensões, bem como a variável latente Capacidade Empreendedora apresentaram valores satisfatórios, ou seja, registou-se uma avaliação positiva, ou seja, indicia a existência de Capacidade Empreendedora por parte dos estudantes que frequentam o sistema educativo Angolano no Kuanza Sul.

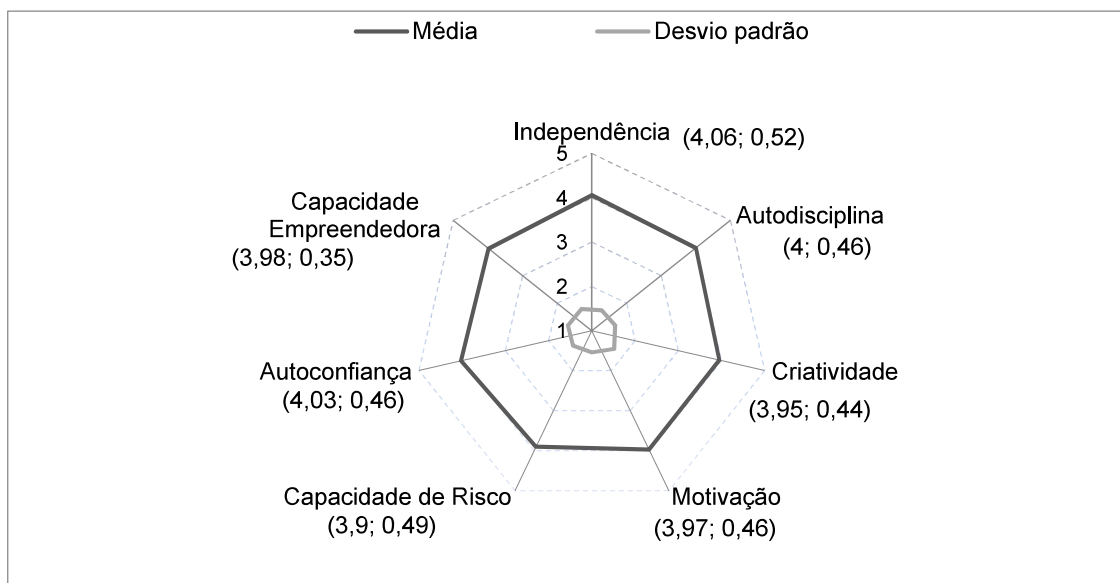


Figura 1. Resumo das Estatísticas Descritivas para as Dimensões/Traços característicos.

Seguidamente pretende-se dar resposta às hipóteses de investigação que suportam o objetivo do estudo. Assim, para a “1.ª hipótese de investigação: Existem diferenças estatísticas por variável de caracterização sociodemográficas (género, sistema de ensino) relativamente à Capacidade Empreendedora”, vai aplicar-se o teste paramétrico *t-Student* para duas amostras independentes (género) e como se verificou a violação da normalidade para a aplicação do teste

One-Way ANOVA para três amostras independentes (Ensino Superior, Ensino Médio Técnico e Ensino Profissional Básico), em alternativa a este vai aplicar-se o teste *Kruskal-Wallis*.

Tabela 1. Valor de prova para os testes paramétrico e não paramétrico.

Variável de natureza sociodemográfica	Teste	Valor de prova	Significância	Resultado
Género	<i>t-Student</i>	0,974	Não Significativo	Não corroborada
Sistema de Ensino	<i>Kruskal-Wallis</i>	0,002	Significativo	Corroborada

Pelos resultados apurados pode inferir-se que não existem evidências estatísticas suficientes para afirmar que as médias sejam significativamente diferentes, por género, relativamente à Capacidade Empreendedora, assumindo um nível de significância de 5%. Por outro lado, quando analisado o sistema de ensino, pode afirmar-se que existem diferenças significativas, pelo menos as distribuições de uma das amostras independentes é diferente das demais, assumindo um nível de significância de 5%. Assim, pelo exposto a segunda hipótese de investigação é validada parcialmente.

A “2.^a hipótese de investigação: A Capacidade Empreendedora encontra-se relacionada positivamente com as dimensões Independência, Criatividade, Motivação, Autodisciplina, Autoconfiança, Capacidade de risco”, foi testada recorrendo à utilização do coeficiente de correlação de *Spearman*, uma vez que se violou o pressuposto da normalidade.

Tabela 2. Relação entre a Capacidade Empreendedora e as Dimensões.

	<i>Independência</i>	<i>Criatividade</i>	<i>Motivação</i>	<i>Autodisciplina</i>	<i>Autoconfiança</i>	<i>Capacidade de risco</i>
Coefficiente de Correlação de <i>Spearman</i>	0,631	0,719	0,774	0,695	0,694	0,743
Valor de Prova	< 0,001	< 0,001	< 0,001	< 0,001	< 0,001	< 0,001
n	655	655	655	655	655	655

Tendo por base a informação apresentada na tabela anterior pode dizer-se que todas as dimensões se encontram relacionadas direta e positivamente com a Capacidade Empreendedora, registando uma correlação elevada, pois registaram-se valores para o coeficiente de correlação de *Spearman* superiores a 0,5 e estatisticamente significativos, uma vez que o valor de prova para cada dimensão apresentou valores inferiores ao nível de significância assumido de 5% (valor de prova <0,001). As dimensões que se encontram mais correlacionadas com a Capacidade Empreendedora são Motivação, Capacidade de Risco e Criatividade, todas apresentaram valores para o coeficiente de correlação superiores a 0,7. Por tal, a 2.^a hipótese de investigação foi corroborada.

Para a “3.ª hipótese de investigação: Existe uma associação entre a Capacidade Empreendedora e a experiência empresarial familiar” houve a necessidade de transformar a variável capacidade empreendedora numa variável qualitativa dicotómica (capacidade empreendedora baixa e elevada) trabalhando-se para o ‘corte’ da série com a média teórica do *score* total de 180 pontos, sendo que valores superiores ou iguais a 180 pontos considerou-se uma capacidade elevada e inferiores considerou-se baixa. Assim, através da aplicação do teste exato de Fisher (valor de prova=0,133) pode dizer-se que não existem evidências estatísticas suficientes para afirmar que as variáveis se encontram associadas, ou seja, são independentes, logo não se valida a 3.ª hipótese de investigação.

Ainda, para completar a informação pode dizer-se que dos 648 inquiridos que registaram ter capacidade empreendedora elevada cerca de 59% tem um familiar próximo que é empresário, sendo que 41% que registou ter capacidade empreendedora baixa não tem um familiar próximo que seja empresário. Dos 7 que declararam uma capacidade empreendedora baixa 28% tem um familiar próximo que seja empresário e 72% não tem um familiar próximo que seja empresário.

5 Conclusões e Futuros Trabalhos

Tendo por base o apresentado ao longo do texto pode dizer-se, como principais conclusões, que a maior parte dos estudantes inquiridos, não têm a disciplina de empreendedorismo no plano curricular, mas acreditam na possibilidade de algum dia virem a criar a sua empresa ou o seu próprio negócio. Os estudantes do CLESE, face ao programa de formação a que são submetidos estão melhor formados e têm condições para vingarem no mundo dos negócios em relação aos demais estudantes que não têm formação específica em empreendedorismo. As principais condições estruturais e os mecanismos de apoio ao empreendedorismo em Angola existem e servem de catalisadores para os empreendedores. A implementação da disciplina de empreendedorismo no ensino geral e técnico aumentará a população empreendedora e a cultura empreendedora no seio dos estudantes. Mas a criação dos Gabinetes de empreendedorismo nas instituições de ensino, traria maior consistência aos esforços evidenciados e haveria um acompanhamento pormenorizado dos futuros empreendedores.

Ainda, dos resultados obtidos observou-se a existência de diferenças estatísticas por variável de caracterização sociodemográficas (sexo, sistema de ensino) relativamente à capacidade empreendedora. Verificou-se uma relação entre capacidade empreendedora e as dimensões independência, criatividade, motivação, autodisciplina, autoconfiança, capacidade de risco e a

experiência empresarial familiar. Acresce, ainda, que as dimensões que se encontram mais correlacionadas com a capacidade empreendedora são motivação, capacidade de risco e criatividade, dado que todas apresentaram valores para o coeficiente de correlação de *Spearman* superiores a 0,7. Complementarmente, verificou-se que a esmagadora maioria, 93,3% inquiridos, responderam positivamente a possibilidade de vir a ter o seu próprio negócio no futuro e o tempo que os inquiridos esperam para iniciar o mesmo, após a conclusão do seu curso, é no máximo de 2 anos. Os dois principais riscos que mais temem para criar um novo negócio é a possibilidade do negócio ir à falência e a incerteza quanto ao rendimento. Foram apontados, como principais entraves para a criação de uma empresa em Angola, a burocracia de entidades governamentais e a dificuldade em obter financiamentos de entidades privadas. Por último, os inquiridos acreditam que enquanto estudantes, o sistema educativo angolano não só promove o desenvolvimento de capacidades empreendedoras, bem como facilita e incentiva a criação de negócio próprio.

Assim, tendo por base os resultados apresentados ao longo do trabalho sugere-se um estudo mais abrangente para todo o território nacional, fazendo uma divisão por zonas, Norte, Centro, Sul, Este e Oeste, uma vez que existem escolas técnicas em todas as províncias. Sugere-se, posteriormente, a comparação dos resultados obtidos com os estudos internacionais que possam ter sido realizados. Por outro lado, recomenda-se ao governo local e estruturas a fim, à implementarem o ensino do empreendedorismo nos Centros de Formação Profissional, Pavilhões de Artes e Ofícios, bem como a realização de Seminários e Workshops sobre o Empreendedorismo.

6 Referências

- Boszczowski, A., & Teixeira, R. (2012). O Empreendedorismo Sustentável e o Processo Empreendedor: Em busca de Oportunidades de Negócios como Solução para Problemas Sociais e Ambientais. *Revista Economia e Gestão*, 141-168.
- Castelar, R. (2014). Feira de Auto Emprego e Empreendedorismo. (R. Angola, Ed.) Luanda.
- CE (2004). *Contribuir para a Criação de uma Cultura Empresarial - Um guia de boas práticas para a promoção de atitudes e competências empresariais através da educação*. Luxemburgo: Publicações - DG Empresa.
- Clever, E. (2011). Uma Discussão Sobre o Empreendedorismo. *Revista Conteúdo, Capivari*, 13-21.
- Cronbach, L. (1951). Coefficient alpha and the Internal Structure of Tests. *Psychometrika*, 16, 297-334.
- Inide (2012). Programa de empreendedorismo no ensino secundário. *On-Line* em <http://www.portalinide.org/projectos/programa-de-empreendedorismo-no-ensino-secundario/>; Acedido em 06 de 06 de 2013.

- Liikanen, E. (2004). Contribuir para a Criação de Uma Cultura Empresarial - Um Guia de Boas Práticas para a Promoção de Atitudes e Competências Empresariais Através da Educação. Comissão Europeia, Luxemburgo.
- Martinez, R., & Joniliano, R. (2012). Relevância do Empreendedorismo como Disciplina nos Diversos Cursos do Ensino Superior. *Revista Hispíci & Lema*, Ano III, 25-29.
- Naia, A. (2009). Importância da Formação Inicial no Empreendedorismo. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Nonato, R. (2013). Empreendedorismo: Importância econômica e social. *Revista Administradores On-Line* em <http://www.administradores.com.br>; Acedido em 05 de 08 de 2014.
- Sarkar, S. (2010). Empreendedorismo e Inovação. 2ª Edição. Portugal: Escolar Editora.